

## CONVÊNIO INTERNACIONAL DE ARTISTAS, CRÍTICOS E ESTUDIOSOS DE ARTE.

(Rimini e Verucchio, Itália).

---

Todos os anos, professores universitários, artistas e cientistas de todo o mundo se reúnem para debater as questões fundamentais da cultura contemporânea. No ambiente tranqüilo “della Rocca”, antigo castelo de Malatesta, em Verucchio, realiza-se, em outubro dêste ano, mais um Convênio Internacional de Artistas, e Críticos e Estudiosos de Arte. **Arte popular moderna** será o tema do próximo encontro. Vários estudiosos se prepararam para apresentar as conclusões a que chegaram, após pesquisas realizadas no ambiente universitário. Estimulados pelos debates, os professores devolvem às respectivas universidades resultados acrescidos das novas perspectivas da universalização do pensamento. Desde o japonês, ao persa, ao senegalês, ao francês, ao alemão, ao brasileiro, todos se beneficiam desses encontros onde prevalece o tom elevado, livre, que, por isso mesmo, torna o debate altamente proveitoso. O tema do próximo Convênio resultou da discussão no ano passado, do problema **Arte e Comunicação** no ambiente moderno. Na realidade, os diversos aspectos da ambientação no mundo de hoje pedem um exame mais prolongado das relações da arte com a indústria, com o meio urbano, com a arquitetura, o desenho industrial, o planejamento urbano. Mas, entre outras coisas cumpre garantir ao homem da cidade industrializada, um mínimo de atuação artística como exigência de dignidade no viver.

### **O último Convênio sobre “Arte e Comunicação”.**

**Arte e Comunicação**, servindo de temário ao Convênio de 1965, permitiu laçar as bases para uma discussão proveitosa, durante a próxima reunião. G. C. Argan, professor da Universidade de Roma, ao presidir as reuniões procurou mostrar a necessidade de uma relação da arte com a “teoria da informação”. Demonstrou que essa “teoria da informação” só pode ser tratada cientificamente. Por outro lado, acrescentou êle,

caberia ainda ao Convênio apontar os benefícios da pesquisa científica para a arte. Os dois ângulos do problema, por traduzirem uma preocupação científica comum, tenderam, durante o decorrer dos trabalhos, a uma convergência de conclusões. Um dos elementos comuns à teoria da informação, à ciência, à arte é — como realmente foi considerada — a imagem. E é notória a importância que ela assume no mundo moderno, principalmente através dos “mass-media”. A televisão, o cinema, a história em quadrinho, a publicidade, atuam através da imagem, não raro, em caráter subliminar. Não deve assim passar despercebido para o homem de cultura que no mundo de hoje, a imagem sofreu um verdadeiro processo de “tecnificação e massificação”. A imagem, passou a ser, inclusive, um verdadeiro artigo de consumo e elemento condicionador de hábitos visuais. Aliás, não é só no presente que a imagem se tornou um grande fator de comunicação. Durante a Idade Média, constituía meio de difusão dos grandes valores sociais. Umberto Eco, professor da Universidade de Milão, observou nessa oportunidade:

“Assistimos, por exemplo, na Idade Média, à explosão triunfante de uma civilização da comunicação visual, onde a arte se manifestou através de símbolos claros que se dirigiam a todos os níveis de público...”

embora, o próprio Eco tenha reconhecido uma distância profunda entre esse fenômeno e a elite literária da época que discutia nas universidades o sentido e os conceitos tanto dos símbolos como dos valores institucionais dessa mesma sociedade medieval. Nos dias de hoje, devemos ainda, segundo o já citado Argan, estudar os procedimentos adequados para incluir a comunicação de caráter estético na estrutura dos sistemas de informação, dentro de uma função estrutural e orientadora. Na verdade a atividade artística, tão louvada nos dias de hoje, ainda mantém, quantitativamente, uma situação de inferioridade notória. As relações arte e público, arte e sociedade, arte e trabalho têm pela frente dificuldades extremas. De um lado, por exemplo, se observa uma espécie de “penetração capilar da arte na sociedade, através de inúmeras ramificações”. Os canais de difusão podem se servir da ciência (e no Convênio, Argan recordou que não raro a ciência mudou a própria metodologia, devido à arte: assim, a descoberta da América se deve aos mapas desenhados segundo o sistema de Brunelleschi, o arquiteto do Duomo de Florença; a Ciência positiva deve, por outro lado, sua autonomia, a um grande artista como Leonar-

do). A receptividade para a ciência, na atualidade, não é a mesma da arte. Os artistas são os primeiros a apontar uma verdadeira ação reativa da sociedade sobre a arte, devido a estruturas antiquadas nas suas formas de atuar. Mas a História comparece como um fator decisivo para corrigir essas relações. E vai a tal ponto a importância da interpretação histórica, que será possível escrever uma História da Técnica de Comunicação coincidindo com uma História da Arte. Nesse ponto, os debates demonstraram a tendência para considerar difícil a sobrevivência de procedimentos técnicos do passado, no atual contexto tecnológico. Isso implica também na consideração de exigências de rapidez no “consumo”, o que torna agudo e angustioso o esforço de criação, de interpretação. Para alguns, apesar do caráter “aberto” da cultura moderna, em confronto com aquêle “fechado”, homogêneo e estável das culturas passadas, a comunicação artística, nos dias de hoje se tornou problemática. Gillo Dorfles, professor da Universidade de Milão e autor do discutido livro “Nuovi riti nuovi miti” abordou também êsses aspectos de “consumo” e produção em massa em relação à arte. Ao tratar das dificuldades da arte perante os problemas da linguagem, da percepção e da comunicação no mundo atual, o professor Luciano Lattanzi disse que a situação angustiosa do artista se refletiu durante o período da “arte informal”. Naquela ocasião se recorria ao termo “comunhão” e não “comunicação”, para caracterizar a redução das trocas comunicativas ao plano do puro gesto, do grito existencial, com tênues insinuações místicas e irracionais. Mas segundo Emílio Garroni, a arte não é simplesmente “comunhão dos espíritos”, sem a mediação lingüística, como não o é a pura e simples “transferência de objeto”, também sem a mediação lingüística. Em ambos os casos não se daria a necessária relação humana, mas só “contacto material ou espirituaístico”. Surgiram, neste ponto, inúmeras divergências entre aquêles que advogam um papel messiânico à arte e outros que duvidam do poder transformador e exotérico da linguagem artística.

### **Informação distingüe-se de comunicação.**

Um dos momentos mais significativos do Convênio, foi quando se colocou a questão fundamental da comunicabilidade e da incomunicabilidade. Giuseppe Gatt procurou distinguir informação de comunicação. Para êle comunicar significa entrar em relação dialética com o real, isto é, aquilo que se co-

munica com o ambiente ao qual se comunica “desenvolvendo-se uma contínua tensão crítica com a experiência”. Na informação a realidade externa não “forma”, nem determina a ação, mas simplesmente se instrumentaliza, agrupa, como em certas manifestações da arte de “reportagem”. Neste tipo de tendência, a imagem se impregna de significações tomadas de empréstimo da “civilização de consumos”. Umbro Apollonio, da Bienal de Veneza, estudou, por sua vez a relação de sinal e símbolo, desde a sinalização de estradas às mensagens artísticas. A essa altura dos debates, estavam em jôgo, não só valores humanos de determinação própria, mas também a figura do “robot”, cujo trabalho sempre depende de um sinal recebido.

### **O próximo Convênio: Arte popular moderna.**

E' evidente que não se admite a “robotização” do homem. Um mínimo de atuação artística para cada habitante dos ambientes super-mecanizados, do meio industrial, é necessária. Por isso, nos próximos debates, os presentes levarão em conta a análise histórica das relações entre arte e sociedade. Pergunta-se, por exemplo, se a atividade artística, no âmbito social poderá ser monopólio de grupo, ou ainda, se não será perigoso uma arte de elite numa sociedade sem classe? Se o conceito de historicidade da arte pode ser reduzido ao conceito de significação social da arte? O Convênio de outubro de 1966 deverá apreciar novas facetas das relações da arte com a vida moderna, dentro “da civilização da imagem e do rápido consumo”. A arquitetura, o urbanismo, o desenho industrial, a atividade do trabalhador industrial diante da possibilidade de relacionar-se com os caminhos da cultura artística, marcarão as características do nôvo temário.

Aliás, no final dos debates de 1965, Argan procurou delinear algumas propostas para precisar melhor os objetivos dos futuros debates. Disse, entre outras coisas, quanto seriam interessantes as pesquisas sôbre instrumentos populares, em tôrno de todo aquê conjunto de objetos idealizados e construídos para o próprio trabalho; aspectos, aliás, extensivos à arquitetura e ao chamado “urbanismo espontâneo”. Outro ângulo do problema, é a oportunidade de se considerar a história da técnica como História e não como “desenvolvimento espontâneo de um místico tecnicismo”. Será possível traçar um paralelo entre arte popular e arte de elite, levando em consideração, inclusive, certos momentos históricos, como a Idade Média.

Além desses aspectos, durante a próxima reunião é possível que muitos estudiosos, como Gillo Dorfles, trate do fenómeno “kitsch”, para uma “história do mau gosto”. Outra tese em pauta é aquela muito em voga, segundo a qual a arte popular, não deve ser considerada somente como “folclore”, arte do ambiente rural. Isto seria limitar a arte popular a manifestações artísticas eminentemente conservadoras, como é um certo tipo de “folclore” cujas formas resultam, em grande parte, da permanência de esquemas e soluções elaboradas em níveis superiores, numa outra época, mas que permanecem devido às de atraso em que vive a população de determinadas áreas do globo. Daí a exigência que se impõe aos pesquisadores de buscarem localizar expressões criadoras, tanto no meio rural como industrial, urbanizado, a fim de caracterizar um mínimo de atividade artística como resultante das preocupações humanísticas de dignidade e valor. Daí também a importância da arquitetura e do urbanismo como elementos estimuladores de uma generalizada atividade estética.

Essas informações valem como amostragem do tipo de problemas e de debates através dos quais o “**Convegno Internazionale — Critici, Artisti, Storici d’Arte**” concorre para o esforço comum de dinâmica unificação da cultura.

#### **FLAVIO MOTTA**

Professor de História da Arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.